

**SOFIA GOMES & FELISBELA LOPES**

emilianasofia.gomes@gmail.com; felisbela@ics.uminho.pt

**CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE  
DA UNIVERSIDADE DO MINHO**

## **DOENÇA DO LEGIONÁRIO: DA MEDIATIZAÇÃO DA DOENÇA À CONTAGEM DAS MORTES**

### **INTRODUÇÃO**

Neste trabalho iremos abordar duas questões centrais: a mediatização da saúde e a mediatização da morte. Conforme veremos à frente, a saúde e a morte andam de mãos dadas no que toca à mediatização de doenças. Se, por um lado, se procura publicar notícias sobre doenças e possíveis curas, por outro lado, em casos de surtos, há uma tendência para fazer a contabilidade progressiva das mortes. O caso da Legionella é um claro exemplo disso.

No mês de novembro de 2014, Portugal viu-se a braços com um surto de Legionella. Como foi este surto explicado aos portugueses por parte dos jornais impressos? Destacaram-se os sintomas das doenças? Os tratamentos? A prevenção? Ou será que os jornais valorizaram a contagem dos mortos? Estas são algumas das questões que tentaremos responder. Com o objetivo de compreender o que leva à publicação de notícias sobre saúde, doenças e morte, começaremos por apresentar um breve enquadramento teórico sobre Comunicação em Saúde, Jornalismo especializado, Jornalismo de Saúde e mediatização da morte.

### **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

#### **DA COMUNICAÇÃO EM SAÚDE AO JORNALISMO (ESPECIALIZADO) EM SAÚDE**

A investigação aqui apresentada integra-se no campo teórico da Comunicação em Saúde. Ainda que venhamos a percorrer outros caminhos, este é, sem dúvida, o nosso ponto de partida. Nesse contexto, apresentaremos algumas contribuições de autores de vários países sobre a origem e o significado deste conceito.

Foi na década de 70 que a Comunicação em Saúde começou a dar os primeiros passos enquanto área de estudos, essencialmente em terreno anglo-saxónico. Ainda que o seu início tenha sido nos anos 70, o seu desenvolvimento aconteceu sobretudo a partir da década de 80. Gary Kreps, investigador norte-americano considerado por muitos o pai da Comunicação em Saúde, afirmava, em 1988, que, indubitavelmente, a comunicação era um processo primário insubstituível na disseminação de cuidados de saúde. Kreps apontava também para a importância da comunicação na recolha de informação relevante no campo da saúde.

Scott Ratzan (1994), outro investigador norte-americano, deu o seu contributo na definição da Comunicação em Saúde, afirmando que se trata de um processo e de um modo de influenciar a tomada de decisões relativamente aos cuidados de saúde, recorrendo à ética e à persuasão. Na perspetiva deste autor – que como veremos é comum a outros pensadores da Comunicação em Saúde –, o objetivo é melhorar as condições de vida das populações, através dos cuidados de saúde referidos atrás.

Investigadora no Uruguai, Virgínia Pintos lembra que a relação entre a Comunicação e a Saúde tem tido um desenvolvimento gradual. Neste processo, profissionais da saúde e profissionais da comunicação lutam por provar que ambos os campos estabelecem dimensões da vida que devem ser pensadas em conjunto, na certeza de que a ausência deste trabalho em parilha terá consequências negativas na qualidade de vida das famílias (Pintos, 2001, p. 121).

Gary Kreps e Linda Neuhauser explicavam, em 2003, que a Comunicação em Saúde de um ponto de vista tradicional baseia-se na disseminação de mensagens especializadas para o público, tendo como finalidade motivá-lo a alterar os seus comportamentos em favor da saúde (2003, p. 8). Com uma definição semelhante de Comunicação em Saúde, Richard Thomas acrescenta que esta é uma “ferramenta aceite na promoção da saúde pública” (2006, p. 4).

Da Argentina, os investigadores Díaz e Uranga (2011) argumentam que a comunicação constitui uma ferramenta imprescindível no que toca a processos relacionados com a saúde. Em todo o caso, alertam para o facto de esta ideia não ser partilhada por outros investigadores. Segundo Díaz e Uranga, vários são os que associam a Comunicação em Saúde a um sentido estritamente instrumental, atuando como uma mera ferramenta para controlar e manipular decisões coletivas e individuais. Sabendo, portanto, que a Comunicação em Saúde tem como objetivo final motivar os indivíduos a cuidarem da sua saúde, importa perceber também como isso

é colocado em prática. Uma das formas mais conhecidas é, sem dúvida, através do Jornalismo em Saúde. Antes de falar de Jornalismo em Saúde, convém enquadrá-lo no jornalismo especializado.

Philippe Marcotte e Florian Sauvageau, investigadores da Universidade Laval, no Canadá, veem o jornalismo especializado como um *filho ilegítimo* do jornalismo, na medida em que este procura explicar certas informações, transpondo as suas funções críticas no debate democrático (2006, p. 175). Em França, Dominique Marchetti aponta uma contraposição entre o jornalismo generalista e o jornalismo especializado, que varia em função dos meios de comunicação em causa e dos seus jornalistas (2002, p. 24).

Da Universidade Autónoma de Barcelona, o investigador Terrón Blanco cruza o jornalismo especializado com a saúde, trabalhando, portanto, o jornalismo especializado em saúde. Segundo o autor, é fundamental começar por compreender em que consiste um jornalista especializado. De acordo com Blanco, um jornalista (em geral) é um profissional especializado em narrar acontecimentos noticiosos, implicando isto uma “mediação sistémica e sistemática” (2010, p. 82). No seu trabalho, esse jornalista deve considerar os códigos, géneros e rotinas produtivas das agendas mediáticas. A este nível, o jornalista de saúde tem finalidades distintas. É um profissional que identifica, num determinado contexto, temas e problemas ligados à saúde, e que procura promover práticas sociais que favoreçam a qualidade de vida dos indivíduos (Blanco, 2010, p. 82).

A propósito do Jornalismo em Saúde, Daniel Hallin e Charles Briggs, da Universidade da Califórnia, afirmaram que a saúde e a medicina são elementos proeminentes na agenda mediática contemporânea. Acreditam, por isso, no potencial do campo de pesquisa do Jornalismo em Saúde (2014, p. 2). Para os autores, a diversidade de perspetivas jornalísticas dizem respeito a instituições e práticas que são complexas e socialmente incorporadas (Hallin & Briggs, 2014, p. 10). Assim, o trabalho do jornalista em saúde passa não pela transmissão de informação, mas por uma mediação entre perspetivas distintas (Hallin & Briggs, 2014, p. 10).

## A MEDIATIZAÇÃO DA MORTE

Num contexto em que falamos da mediatização da saúde, torna-se necessário abeiramo-nos de um estado que se apresenta em contraponto: a morte e a respetiva mediatização. Se cabe ao jornalismo informar a sua audiência acerca de questões relacionadas com a saúde para melhorar o conhecimento da população em relação ao seu bem-estar físico e mental,

cabe também nessa função o relato rigoroso e contextual daquilo que são os casos de ruptura extrema: a morte.

Segundo António Fausto Neto, professor do Centro Universitário Franciscano no Brasil, “acontecimentos que envolvem a vida e o destino de personalidades internacionais ocorrem e são semantizados por diferentes rituais que mostram ‘maneiras de adoecer’ e ‘maneiras de morrer’ de líderes políticos nas mídias” (2013, p. 27).

No artigo *Olhando a morte dos outros*, a investigadora portuguesa Madalena Oliveira começa por afirmar que “o sofrimento derradeiro, a morte é, nos *media*, uma experiência velha” já que “o carácter de noticiabilidade do fim da vida acompanhou toda a história do jornalismo, sendo critério de tratamento informativo de acidentes, catástrofes e crimes” (2005, p. 1952). Oliveira explica que “a experiência que hoje se tem da morte é radicalmente diferente da que se tinha quando a informação era veiculada sobretudo por escrito, em jeito puramente factual e com distanciamento efetivo do momento dos acontecimentos” (2005, p. 1952). A investigadora defende que “a precipitação dos *media* para o centro dos acontecimentos, de que as potencialidades dos novos meios de comunicação foram inteiramente responsáveis, conferiu à morte um novo lugar no imaginário contemporâneo” (Oliveira, 2005, p. 1953). Para Madalena Oliveira, “sentir a morte que acontece é algo com que os *media* nos familiarizaram” (Oliveira, 2005, p. 953). Segundo a investigadora portuguesa, “de longe, sempre de longe, os jornalistas foram os nossos olhos diante da morte. Contaram as vítimas e contaram-nos o horror da morte” (Oliveira, 2005, p. 1956).

Colocar a morte em perspetiva na notícia impõe necessariamente uma teoria dos efeitos da exibição da morte sobre o público. Desempenhando um papel que é também o de ser parte do ambiente do acontecimento, o público não é, no entanto, um agente passivo da emotividade gerada pela informação. São as suas próprias emoções que, tecnologicamente estendidas, fazem da morte um dos pontos de foco prediletos dos meios de comunicação social. Talvez difícil de padronizar, contudo, o conhecimento dos efeitos sobre o público ajudaria a compreender por que é que os *media* nos mantêm olhando a morte dos outros. (2005, p. 1961)

Ainda no contexto português, o investigador João Carlos Macedo estabelece uma ponte entre a saúde e a morte, defendendo que “numa era como a que vivemos, em que a tecnologia ocupa um lugar cimeiro na sociedade e mais concretamente no âmbito da saúde, é normal ocorrerem

excessos na sua utilização” (2010, p. 195), pelo que “(...) o ato de utilizar todos os meios tecnológicos que existem ao nosso alcance para prolongar vidas por um fio, adiando a morte, é um ato rotineiro nos nossos hospitais” (Macedo, 2010, p. 195). João Carlos Macedo acredita que, “apesar de já se falar mais sobre a morte humana nos dias de hoje do que no passado, pode dizer-se que ela constitui ainda um tema *tabu*” (2010, p. 196), acrescentando que “esta negação da morte encontra-se inerente à própria atuação de sociedade atual” (Macedo, 2010, p. 196). A forma de encarar a morte mudou com o passar dos tempos. Hoje, verifica-se uma alteração do próprio espaço onde isto ocorre: “a morte como acontecimento da vida passou do domínio familiar para o domínio dos técnicos de saúde” (Macedo, 2010, p. 197). Na perspectiva deste investigador, “esta transformação social do local da morte conduziu a um progressivo esquecimento da mesma no contexto comunitário e, inclusive, à sua negação (Macedo, 2010, p. 197).

Com vários trabalhos publicados sobre esta questão, Moisés de Lemos Martins defende, em “O corpo morto: Mitos, ritos e superstições”, que “relegado para o hospital, erigido de aparelhos tubulares, o moribundo é evacuado do social, deixando de presidir à encenação da sua agonia e da sua morte, ao contrário do que havia acontecido desde a época carolíngia” (2013, p. 111). Se em tempos “a extrema-unção era uma preparação solene para o Além”, hoje não passa de um simples “sacramento dos doentes, ou seja, um antibiótico espiritual” (2013, p. 111). Como refere, “a sociedade vive em permanente *flirt* com a morte. Dessacralizada e laica, a sociedade junte, com efeito, a todo o tempo, *thanatos* e *eros*” (Martins, 2013, p. 112). De acordo com este investigador, “a pulsão de vida entra em permanente diálogo com a morte, sendo melancólicas as luzes dos holofotes, que não passam de sombras de um astro morto” (Martins, 2013, p. 113). Moisés de Lemos Martins defende, portanto, que no atual sistema mediático os rituais de celebração da morte já não são rituais de passagem:

Na era mediática não temos passagens; pelo simulacro televisivo, é-nos dado a ver, em direto, o próprio acontecimento. A morte em direto faz equivaler a morte de todas as tragédias coletivas, e também a morte de todas as personalidades, assim como a morte do cidadão comum, no uso dos seus quinze minutos de fama, assinalados por Andy Warhol. Testemunhado e vivido por nós, em direto, o acontecimento é nosso. Assim como também o é a tragédia. A narrativa mediática da morte constitui, é verdade, uma intérmina glosa à condição humana: sempre com a morte nos olhos, vivendo em permanente tensão. (Martins, 2013, p. 113)

E Moisés Martins destaca uma situação que consideramos bastante relevante para o estudo que aqui apresentamos: se “na narrativa tradicional, a hora da morte vem pela calada e apanha-nos na mais completa solidão”, na narrativa mediática “a reportagem jornalística da morte subverte, é um facto, os códigos jornalísticos” (Martins, 2013, p. 113). Neste sentido, argumenta-se que “os humanos estão hoje precipitados no mundo, numa travessia intérmina e labiríntica, sofrendo a contingência, a instabilidade e a imprevisibilidade de um destino que aflige a vida humana” (Martins, 2013, p. 115), tendo sempre diante dos nossos olhos a morte.

Num trabalho mais inclinado para a questão da morte no jornalismo, Rita Vilaça defende que, “com a evolução do jornalismo, as emoções e sentimentos tornaram-se elemento central nas sociedades ocidentais” (2013, p. 40), pelo que “descrever e relatar emoções tornou-se parte da comunicação social, da esfera pública e privada” (2013, p. 40). Em *A representação da dor na imprensa nacional: análise da relação entre os media e as fontes de informação durante a experiência de estágio no Jornal de Notícias*, Vilaça explica que “é nas sociedades atuais que as emoções são, normalmente, associadas ao entretenimento e sensacionalismo, o que sempre causou algumas discussões éticas” (2013, p. 41). No caso específico da mediatização da morte, refere-se o seguinte:

Desde os primórdios do jornalismo, os jornais e as televisões lidam com a morte, alcançando um certo estatuto de noticiabilidade e adquirindo critérios de tratamento informativo em situações como acidentes, tragédias, crimes, etc. Mas, se a morte é assunto velho para os media, a sua forma de tratamento tem evoluído ao longo do tempo. (Vilaça, 2013, p. 45)

Neste contexto, Vilaça defende que “os meios de comunicação, com a constante evolução que sofreram ao longo das décadas, habituaram o público ao conceito da morte” (2013, p. 46), concluindo que “olhar a morte ou o sofrimento dos outros é reconhecer que nós mesmos estamos sujeitos à fatalidade da vida, à constante eminência de dissipação de tudo o que conhecemos” (2013, p. 48).

No artigo “Construção de significação através da emoção”, Rita Araújo e Felisbela Lopes afirmam que “o discurso sensível, baseado em testemunhos pessoais que por vezes transmitem informação pormenorizada sobre temas difíceis, como a morte ou a doença, toca o público de uma forma que outros estilos noticiosos não conseguem” (2013, p. 17). As investigadoras explicam esta situação pelo facto de vivermos “numa

sociedade em que proliferam os meios de expressão do sentir individual” (Araújo & Lopes, 2013, p. 17).

## METODOLOGIA

Com o intuito de estudar a mediatização do surto de Legionella vivido em Portugal em novembro de 2014 e a sua relação com a mediatização da morte, dedicámo-nos a analisar respetiva produção noticiosa no referido mês e no mês seguinte na imprensa portuguesa. Procedemos, portanto, à análise do conteúdo dos artigos noticiosos publicados por quatro jornais portugueses: *Público*, *Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias* e *Expresso*. Definidos os jornais, retiram-se todos os artigos – notícias, reportagens e entrevistas – que se refiram ao caso da Legionella. Perante esta seleção, os dados foram inseridos numa base com recurso ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). A amostra, composta por 79 artigos noticiosos, resultou de um método de seleção não probabilístico.

A análise do conteúdo das notícias<sup>1</sup> elegeu as seguintes variáveis: jornal; tipo de artigo; título; tempo da notícia; tamanho da notícia; lugar da notícia; motivo de noticiabilidade; presença/ausência de fontes; número de fontes; lugar geográfico da fonte; género; identificação; estatuto e especialidade médica. Numa segunda fase, analisámos o conteúdo das notícias, procurando responder a questões diretas como a referência a sintomas, tratamentos e possível prevenção da doença ou, por outro lado, se se privilegia a contagem do número de mortos.

Este trabalho enquadra-se no projeto de doutoramento “Comunicação e Saúde: Jornalismo preventivo e fontes de informação” (SFRH/BD/89792/ 2012) no projeto “O fluxo, a morte e o acontecimento mediático” (Projeto Capes/FCT378/74) do qual as autores fazem parte.

## APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Antes de mais, importa perceber a amplitude da cobertura mediática deste surto da Legionella. Conforme verificamos na tabela 1, o *Jornal de Notícias* é aquele que mais publicou sobre a Legionella, registando um total de 34 artigos, seguindo-se o *Público* com 25 e o *Diário de Notícias* com 18.

---

<sup>1</sup> Importa referir que a análise foi feita do ponto de vista do leitor, isto é, uma vez que não detemos as mesmas informações que o jornalista teve quando estabeleceu contato com as fontes, não podemos fazer outro tipo de análise mais detalhada.

JORNAL	FREQUÊNCIA	%
<b>JN</b>	34	43,0
<b>Público</b>	25	31,6
<b>DN</b>	18	22,8
<b>Expresso</b>	2	2,5
<b>Total</b>	79	100

Tabela 1: Frequências da variável *Jornal*

Do nosso estudo, percebemos que o ângulo privilegiado foi o negativo, registando-se 41 casos em que o título é negativo e apenas 10 em que a abordagem é positiva.

TÍTULO	FREQUÊNCIA	%
<b>Negativo</b>	41	51,9
<b>Neutro/Ambíguo</b>	28	35,4
<b>Positivo</b>	10	12,7
<b>Total</b>	79	100

Tabela 2: Frequências da variável *Tipo de título*

Nesta análise, importa igualmente perceber quais os géneros jornalísticos privilegiados, na medida em que a opção por uma notícia, uma reportagem ou uma entrevista pressupõe abordagens diferentes. Na tabela 3, constatamos que a *Legionella* foi trabalhada pelos *media*, essencialmente, através de notícias, registando-se 60 casos em 79, o que significa que os jornalistas se preocuparam mais em dizer o que estava a acontecer, em vez de irem para o terreno sentir o que as pessoas estavam a viver.

TIPO DE ARTIGO	FREQUÊNCIA	%
<b>Notícia</b>	60	75,9
<b>Reportagem</b>	16	20,3
<b>Entrevista</b>	3	3,8
<b>Total</b>	79	100

Tabela 3: Frequências da variável *Tipo de artigo*



A variável *motivo de noticiabilidade* permite identificar categorias dentro das quais se vai desenhando uma determinada *estória* jornalística. Assim, através da tabela 4, verificamos que, na mediatização da Legionella, o motivo de noticiabilidade mais registado foi o das ‘Situações de Alarme/Risco’. Este facto era quase previsível, visto que os *media* olharam o caso da Legionella como um surto que configurava uma situação de risco.

MOTIVO DE NOTICIABILIDADE	FREQUÊNCIA	%
Situações de alarme/risco	69	87,3
Retratos de situação	3	3,8
Políticas: decisões	3	3,8
Políticas: situação de classes	3	3,8
Investigação, desenvolvimento	1	1,3
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>100</b>

Tabela 4: Frequências da variável *Motivo de noticiabilidade*

Perscrutando o *tempo da notícia*, concluímos que a maior parte dos textos noticiosos se reportavam ao dia anterior. Poucos faziam o ponto da situação e menos ainda a previsão do que poderia acontecer.

TEMPO DA NOTÍCIA	FREQUÊNCIA	%
Dia anterior	50	63,3
Não sei data	12	15,2
Ponto de Situação	11	13,9
Mais de um dia	6	7,6
Antecipação	0	0
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>100</b>

Tabela 5: Frequências da variável *Tempo da notícia*

Debruçando-nos sobre a extensão dos artigos em estudo, verificamos que a maior parte são de tamanho médio, o que permite um desenvolvimento assinalável daquilo que se pretende relatar.

TAMANHO DO ARTIGO	FREQUÊNCIA	%
Breve	16	20,3
Médio	42	53,2
Extenso	21	26,6
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>100</b>

Tabela 6: Frequências da variável *Tamanho do artigo*

Quanto à variável *lugar da notícia*, destaca-se a região de Lisboa e Vale do Tejo. Esta situação é claramente explicada pelo facto de o surto de *Legionella* ter acontecido em Vila Franca de Xira, incluída no indicador 'Lisboa e Vale do Tejo'. Apenas em situações esporádicas as notícias alargavam para um âmbito nacional e, raras vezes, internacional.

LUGAR DA NOTÍCIA	FREQUÊNCIA	%
Lisboa e Vale do Tejo	56	70,9
Nacional global	19	24,1
Internacional e nacional global	2	2,5
Norte	1	1,3
Internacional global	1	1,3
<b>Total</b>	<b>79</b>	<b>100</b>

Tabela 7: Frequências da variável *Lugar da notícia*

Nestes 79 artigos sobre *Legionella*, apenas um não registou a presença de fontes de informação. Este é facto extremamente positivo, contribuindo para dotar daquilo que se relata da credibilidade necessária.

Relativamente às fontes de informação, podemos fazer um breve perfil: nacional ou da região de Lisboa e Vale do Tejo, masculina, identificada, cidadão desconhecido ou Oficial - Administradores/diretores de centros de saúde (campo da saúde). As tabelas seguintes ajudam a perceber que tipo de fonte foi mais e menos utilizada pelos jornais na mediatização desta doença.

GEOGRAFIA DA FONTE	FREQUÊNCIA	%
Nacional	132	49,4
Lisboa e Vale do Tejo	106	39,7

Doença do legionário: da mediatização da doença à contagem das mortes

<b>Não sei</b>	18	6,7
<b>Europa</b>	4	1,5
<b>Centro</b>	3	1,1
<b>Norte</b>	2	0,7
<b>Internacional</b>	1	0,4
<b>África</b>	1	0,4
<b>Total</b>	267	100

Tabela 8: Frequências da variável *Geografia da fonte*

Relativamente ao *género da fonte*, ainda que prevaleçam os homens, devemos salientar a elevada frequência de fontes com traço não humano. A título de exemplo, temos casos como documentos ou comunicados oficiais do governo.

<b>GÉNERO DA FONTE</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
<b>Masculino</b>	144	53,9
<b>Não se aplica</b>	79	29,6
<b>Feminino</b>	41	15,4
<b>Não sei</b>	3	1,1
<b>Total</b>	267	100

Tabela 9: Frequências da variável *Género da fonte*

No que diz respeito à *identificação da fonte*, os dados recolhidos são bastante positivos, uma vez que, maioritariamente, as fontes são identificadas. Os casos de fontes anónimas e não identificadas são em número bastante reduzido.

<b>IDENTIFICAÇÃO DA FONTE</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>%</b>
<b>Identificada</b>	252	94,4
<b>Não identificada</b>	10	3,7
<b>Não se aplica</b>	3	1,1
<b>Anónima</b>	2	0,7
<b>Total</b>	267	100

Tabela 10: Frequências da variável *Identificação da fonte*

No que concerne ao estatuto das fontes, o elevado número de cidadãos desconhecidos (18%) prefigura uma situação distinta ao nível da mediatização da saúde. Por norma, os jornalistas atiram o cidadão comum para margens silenciosas. Aqui, a situação altera-se, pois os jornalistas realçam os testemunhos das pessoas que vivem na região mais próxima ao foco da doença. Em todo o caso, as fontes oficiais continuam a ser aquelas que somam mais registos.

ESTATUTO DA FONTE	FREQUÊNCIA	%
Oficial - Políticos (campo da saúde)	17	6,4%
Oficial - Administradores/diretores de centros de saúde (campo da saúde)	35	13,1%
Oficial: Assess./porta-voz institucionais (campo da saúde)	1	0,4%
Oficial: outros (campo da saúde)	1	0,4%
Oficial - Políticos (fora do campo da saúde)	25	9,4%
Oficial: outros (fora do campo da saúde)	3	1,1%
Esp inst médicos (campo da saúde)	9	3,4%
Esp inst enfermeiros (campo da saúde)	4	1,5%
Esp inst investigadores (campo da saúde)	3	1,1%
Esp inst bombeiros/INEM (campo da saúde)	3	1,1%
Esp inst outros (campo da saúde)	9	3,4%
Esp não-inst médicos (campo da saúde)	5	1,9%
Esp não-inst enfermeiros (campo da saúde)	1	0,4%
Esp não-inst investigadores (campo da saúde)	1	0,4%
Esp não-inst bombeiros/INEM (campo da saúde)	1	0,4%
Doc oficiais (campo da saúde)	6	2,2%
Doc especializados (campo da saúde)	3	1,1%
Doc: nota de imprensa/comunicado (campo da saúde)	14	5,2%
Esp instit - empresários, economistas, industriais (fora do campo da saúde)	4	1,5%
Esp instit - juristas/magistrados (fora do campo da saúde)	4	1,5%
Esp instit - académicos (fora do campo da saúde)	3	1,1%
Esp instit - assessores (fora do campo da saúde)	1	0,4%
Esp instit - outros (fora do campo da saúde)	18	6,7%
Esp não-instit - juristas/magistrados (fora do campo da saúde)	1	0,4%
Media/ sites noticiosos	17	6,4%
Doc outros fora do campo da saúde	9	3,4%
Soc- pacientes/familiares	17	6,4%
Soc- cidadão desconhecido	48	18,0%
Outros	1	0,4%

Não sei	3	1,1%
<b>Total</b>	<b>267</b>	<b>100</b>

Tabela 11. Frequências da variável *Estatuto da Fonte*

Detenhamo-nos agora no modo como estes artigos trabalharam o tópico da morte. Dos textos que compõem a nossa amostra, 11 artigos fazem referência a mortes no próprio título. Quer isto dizer que, em 79 artigos, 11 apresentavam uma abordagem negativa em relação a este caso logo no título. Destes 11 casos, 8 pertencem ao *Jornal de Notícias*.

JORNAIS COM “MORTES” NO TÍTULO DO ARTIGO	FREQUÊNCIA	%
Jornal de Notícias	8	72,7
Público	2	18,2
Expresso	1	9,1
Diário de Notícias	0	0,0
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>100</b>

Tabela 12: Frequências de jornais com mortes nos títulos

Vejamos alguns exemplos de títulos que fazem referência às mortes por Legionella.

“Legionella já matou cinco pessoas e infetou 235”	JN - 11 de novembro
“Um morto e 89 casos diagnosticados em surto de legionella”	Público - 9 de novembro
“Dez mortos, um suspeito confirmado e dúvidas ainda no ar”	Expresso - 22 de novembro

Tabela 13: Exemplos de títulos com referências à morte por Legionella

Ainda que não apareçam referidas no título do artigo, a contagem dos mortos por Legionella é recorrente. No total de 79 artigos estudados, 21 fazem a contagem dos mortos no corpo da notícia. Uma vez mais, o *Jornal de Notícias* é o periódico que faz maior referência às mortes por Legionella.

JORNAIS COM CONTAGEM DE MORTOS NO CORPO DO ARTIGO	FREQUÊNCIA	%
Jornal de Notícias	9	42,9
Público	7	33,3
Diário de Notícias	3	14,3
Expresso	2	9,5
<b>Total</b>	<b>21</b>	<b>100</b>

Tabela 14: Frequências de jornais com contagens de mortos no corpo do artigo

Da análise qualitativa, centrada na procura à referência de sintomas, indicação de tratamentos e explicação do modo como se propaga este surto, concluímos que a maioria dos textos centra-se naquilo a que chamámos ‘resposta’ a esta situação e nos ‘cuidados da e com a população’. Vejamos como se traduzem estas informações.

No que diz respeito a sintomas, os quatro jornais publicaram artigos em que apresentam os sintomas da *Legionella*, especialmente num período inicial, entre 8 e 11 de novembro. O *Público* e o *Jornal de Notícias* foram os que mais fizeram isto. Apresentamos alguns exemplos:

JORNAL	EXEMPLOS DE APRESENTAÇÃO DE SINTOMAS
Jornal de Notícias	“queixas de foro respiratório” - 8 de novembro “um quadro de complicações respiratórias” - 9 de novembro “casos com sintomas respiratórios (...) outros sintomas (febre, dores de cabeça, etc.)” - 11 de novembro
Diário de Notícias	“a febre começou a subir muito” e “os primeiros sintomas indicavam, como tem sido referido, uma constipação, quiçá uma gripe” – 10 de novembro
Público	“queixas de foro respiratório” e “a exposição à bactéria da <i>Legionella</i> pode originar infeções e os sintomas incluem febre alta, arrepios, dores de cabeça e dores musculares” – 8 de novembro “os mesmos [sintomas] de uma pneumonia: tosse, febre e dificuldades respiratórias” – 9 de novembro “tudo o que tinha no estômago vomitava. Tinha 41 de febre” e “diz que se sente ‘sem forças’ e que emagreceu” – 17 de novembro
Expresso	“(…) entraram na urgência com os mesmos sintomas: dificuldade em respirar, dores no corpo, náuseas, confusão mental” – 15 de novembro

Tabela 15: Exemplos de apresentações de sintomas

São os jornais *Público* e *Diário de Notícias* que referem os tratamentos utilizados para pôr fim à doença do Legionário, ainda que essa não tenha sido a maior preocupação dos jornais nesta mediatização.

JORNAL	EXEMPLOS DE APRESENTAÇÃO DE TRATAMENTOS
<b>Diário de Notícias</b>	“à medida que o anti-inflamatório não fazia efeito” – 10 de novembro
<b>Público</b>	“Estive vários dias a tomar antibiótico normal. Só depois de se começar a ouvir na televisão falar sobre Legionella e as torres de arrefecimento é que mudaram o antibiótico e melhorei” – 17 de novembro

Tabela 16: Exemplos de apresentação de tratamentos

Como referimos, a abordagem à Legionella passou também pela explicação da respetiva forma de propagação. A este nível, os jornais atuaram de um modo preventivo, ainda que indiretamente. Ao apresentarem o modo de propagação da doença, procuraram evitar que outras pessoas a contraíssem. Veremos, agora, como os quatro jornais trabalharam este assunto.

JORNAL	EXEMPLOS DA EXPLICAÇÃO DO MODO DE PROPAGAÇÃO
<b>Jornal de Notícias</b>	<p>“dado tratar-se de uma situação «que não é transmissível de pessoa a pessoa” - 8 de novembro</p> <p>“ bactéria pode concentrar-se naquelas peças dos chuveiros” - 9 de novembro</p> <p>“Evitem frequentar espaços comerciais, piscinas e zonas próximas de fontes ornamentais” - 9 de novembro</p> <p>“Basta, por exemplo, que haja uma variação nas propriedades físico-químicas da água para as bactérias se reproduzirem” – 11 de novembro</p> <p>“para a bactéria se ter espalhado pela atmosfera beneficiou de vários fatores naturais” – 12 de novembro</p>
<b>Diário de Notícias</b>	<p>“A falta de informação e a confusão nas primeiras horas em relação ao surto de Legionella e à forma como é feito o contágio, tendo-se apontado o dedo ao consumo de água da rede pública” – 9 de novembro</p> <p>“Do primeiro dia para o segundo dia há uma triplicação [do número de casos], e deste último dia para hoje há uma duplicação” – 10 de novembro</p>

<b>Público</b>	<p>“Os números não têm parado de crescer desde que foram diagnosticados os primeiros casos deste tipo de pneumonia” – 10 de novembro</p> <p>“Este ano, o país já contara 88 diagnosticados” – 10 de novembro</p> <p>“Apesar da Direção-Geral de Saúde (DGS) ter explicado que a bactéria só se transmite pela inalação de gotículas de água (...)” – 11 de novembro</p> <p>“A Direção-Geral de Saúde (DGS) informou ontem que já foram contabilizados 302 casos de infeção por Legionella” – 13 de novembro</p> <p>“O último comunicado assinado por George afirmava que, desde quarta-feira, foram reportados só nove casos novos de Legionella, o que demonstra um abrandamento do surto” – 14 de novembro</p>
<b>Expresso</b>	<p>“Sete pessoas morreram, dezenas de doentes em estado muito grave estão internados por toda a região de Lisboa e centenas foram infetados” – 15 de novembro</p>

Tabela 17: Exemplos de explicação do modo de propagação

No que diz respeito à forma como foi sendo dada resposta à doença, os jornais (à exceção do *Expresso*) optaram por explicar o modo como as entidades responsáveis trataram o problema, nomeadamente através da apresentação de medidas de controlo da propagação.

<b>JORNAL</b>	<b>EXEMPLOS DE MEDIDAS DE RESPOSTA À DOENÇA</b>
<b>Jornal de Notícias</b>	<p>“As autoridades de saúde estão a fazer uma investigação epidemiológica, com inquéritos aos doentes, para tentar perceber se, nos últimos dez dias, estiveram nalgum local em comum” - 9 de novembro</p> <p>“Ontem voltou a ser reforçada a quantidade de cloro na rede de distribuição de água para tentar eliminar as bactérias” - 10 de novembro</p> <p>“Entretanto, já foram tomadas diversas medidas. Encerraram-se sistemas de refrigeração de empresas e fábricas da zona (...), inspecionaram-se hotéis, colheram-se análises em casas particulares, reforçou-se a dose de cloro nos sistemas de abastecimento e desativaram-se fontes decorativas” – 11 de novembro</p> <p>“A Autarquia suspendeu o funcionamento de equipamentos desportivos e proibiu o uso de balneários nas escolas” – 11 de novembro</p>
<b>Diário de Notícias</b>	<p>“Enquanto não se descobre o foco do contágio, as autoridades apostam na prevenção” – 10 de novembro</p> <p>“A suspensão da atividade das principais torres de refrigeração de empresas (...) e o aumento da monitorização da qualidade da água” – 10 de novembro</p> <p>“Vários hospitais de Lisboa temem o aumento do número de internamentos ligados à infeção (...) e dizem estar numa situação limite, especialmente na resposta em cuidados intensivos” – 11 de novembro</p>



<b>Público</b>	<p>“A Câmara de Vila Franca de Xira distribuiu um comunicado onde explica que o laboratório dos seus SMAS procedeu a análises à água distribuída no concelho” – 8 de novembro</p> <p>“tem havido capacidade de resposta para este afluxo de doentes infetados pela Legionella, acrescentando que o hospital está em articulação comunidades de saúde de Lisboa para eventuais necessidades de apoio” – 9 de novembro</p> <p>“as aulas de Educação Física na freguesia poderão ser suspensas” – 10 de novembro</p>
----------------	---

Tabela 18: Exemplos de medidas de resposta à doença

Relativamente aos cuidados da e com a população, os jornais tendem a referir possíveis formas de prevenir a propagação da doença. Não se trata aqui da prevenção da doença (pois ela já se verifica), mas sim da sua propagação/alastramento, ou seja, procura-se evitar novos casos.

JORNAL	EXEMPLOS DE CUIDADOS DA E COM A POPULAÇÃO
<b>Jornal de Notícias</b>	<p>“Aconselha as pessoas a mergulhar os chuveiros em água com lixívia e, se possível, evitem o duche, preferindo o banho de imersão” - 9 de novembro</p> <p>“evitem ter os termoacumuladores acima dos 75 graus e que não frequentem ambientes de hidromassagem e jacuzzi nos próximos dias” - 9 de novembro</p> <p>“Já só me lavo com água engarrafada” – 9 de novembro</p> <p>“O recurso aos bombeiros é outro reflexo da incerteza que rodeia as populações” – 9 de novembro</p>
<b>Diário de Notícias</b>	<p>“fechadas só as lavagens de carros, as piscinas, os centros desportivos e as torres de refrigeração das principais fábricas da zona” – 11 de novembro</p> <p>“Nestas situações, caso fosse entendido ser necessário acionar o plano de emergência, as ações seriam definidas pelos membros da comissão municipal da proteção civil com as autoridades de saúde, do ambiente e outros especialistas” – 12 de novembro</p>
<b>Público</b>	<p>“Abriram-se empresas, compraram-se equipamentos, certificaram-se peritos” – 11 de novembro</p> <p>“a qualidade do ar interior é garantida através da manutenção periódica dos equipamentos” – 13 de novembro</p> <p>“Se as inspeções realizadas pelo Ministério do Ambiente a unidades fabris ocorressem com maior frequência, e se os meios humanos fossem em maior número, situações como esta teriam menor probabilidade de ocorrer” – 13 de novembro</p>

Tabela 19: Exemplos de cuidados de e com a população

Como seria inevitável pela gravidade do caso, sobressai em todos os artigos um registo que absorve o alarme e o medo das pessoas que vivem na região afectada por este surto. Os exemplos seguintes comprovam o ambiente de pânico que os residentes da zona de Vila Franca de Xira.

JORNAL	EXEMPLOS DE AMBIENTE DE PÂNICO
Jornal de Notícias	<p>“É uma verdadeira catástrofe, um ninho de doença que ninguém consegue explicar nem contrariar” – 10 de novembro</p> <p>“A preocupação é grande e os olhos estão sempre postos nos noticiários da televisão” – 11 de novembro</p> <p>“Fiquei assustado por saber que é tão perto de casa. Isto é assustador” – 12 de novembro</p> <p>“com medo de morrer” – 12 de novembro</p>
Diário de Notícias	<p>“E a mãe, hipocondríaca, já avisou que não irá tomar banho de chuva” - 9 de novembro</p> <p>“Confesso que estou assustada por ele” - 11 de novembro</p> <p>“o surto foi considerado uma emergência desde o primeiro dia” – 12 de novembro</p>
Público	<p>“A inquietação sente-se em Vila Franca de Xira” – 10 de novembro</p> <p>“o telefone não pára de tocar” – 11 de novembro</p>

Tabela 20: Exemplos de ambiente de pânico

De um modo geral, é possível também identificar uma tendência para procurar culpados e atribuir responsabilidades, surgindo títulos como: “Vítimas da legionela descrentes na justiça” (*Jornal de Notícias*, 18 de novembro); “Culpados por surto podem ter pena de oito anos de prisão ou pagar 5 milhões” (*Diário de Notícias*, 13 de novembro); “Autoridades confirmam que surto de infeção por *Legionella* teve origem em torre da ADP” (*Público*, 22 de novembro) e “Dez mortos, um suspeito confirmado e dúvidas ainda no ar” (*Expresso*, 22 de novembro).

## NOTAS CONCLUSIVAS

Como sublinhámos, a Comunicação em Saúde e o Jornalismo em Saúde acabam por trabalhar em conjunto, com o objetivo de disseminar mensagens que visam a mudança de comportamentos em prol da saúde do indivíduo. Foi isso que constatámos na análise dos artigos noticiosos sobre *Legionella*. Ainda que de uma forma indireta, as notícias e reportagens sobre *Legionella* chegaram ao público como uma forma de aviso, atuando assim também no âmbito da prevenção. Prova disso foram notícias que explicavam ao leitor em que consistia a doença e como proceder para a evitar.

Respondendo às questões que colocámos no início deste artigo, começamos por sublinhar que este surto foi mediatizado através de notícias, de extensão média, com recurso a títulos negativos. Estas notícias foram dadas numa linha temporal de um dia, centrando o lugar dos acontecimentos

na região de Lisboa e Vale do Tejo, uma vez que o surto teve origem e desenvolvimento em Vila Franca de Xira. Podemos ainda afirmar que a explicação do surto foi feita através de um registo algo alarmista.

No que diz respeito às fontes de informação, a mediatização da *Legionella* foi protagonizada por fontes nacionais ou da região de Lisboa e Vale do Tejo, masculinas e identificadas. O recurso aos depoimentos de cidadãos desconhecidos é uma situação invulgar nos artigos noticiosos de saúde, mas muito presente nesta análise. Ainda assim, as fontes oficiais continuam a ser as preferidas dos jornalistas que escreveram textos sobre *Legionella*.

Relativamente à preocupação dos jornais com a apresentação de sintomas da doença e tratamentos, verifica-se uma preocupação constante no que diz respeito aos sintomas, ainda que o tópico dos tratamentos não tenham sido muito valorizado. A prevenção foi dada de forma indireta, através da explicação dos meios de propagação e dos cuidados a ter com a doença. A contagem dos mortos foi já um tópico a que todos os jornais prestaram muita atenção. Dia a dia, as notícias iam dando conta de mais casos de falecimento devido à *Legionella*. A título de exemplo, o *Jornal de Notícias* de 10 de novembro afirmava “*Legionella* já fez quatro mortes e 180 infetados em Vila Franca de Xira (...)” e, no dia seguinte, publicava o seguinte título: “*Legionella* já matou cinco pessoas e infetou 235”. Situações como esta comprovam aquilo que a morte é algo com que os meios de comunicação social nos familiarizam. A *Legionella* foi um caso em que a morte se naturalizou nas páginas de quase todos os jornais impressos portugueses.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, R. & Lopes, F. (2013). A construção de significação através da emoção. *Revista Comunicando – Tecnologias de informação, novos media e literacia digital*, 2, 17-26. Retirado de <http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/edicao/37>
- Blanco, T. (2010). Algunas reflexiones sobre la comunicación y salud en España tras cinco años del Observatorio de Comunicación y Salud. *Revista Española de Comunicación en Salud*, 1(2), 77-97. Retirado de [http://www.aecs.es/1\\_2\\_reflexiones%20OCS.pdf](http://www.aecs.es/1_2_reflexiones%20OCS.pdf)
- Borja-Santos, R. & Talixa, J. (2014, 13 de novembro). ARS confirma sete mortes por *Legionella*, mas número poderá chegar a nove. *Público*, p. 9.
- Borja-Santos, R. (2014, 14 de novembro). Todos os casos de *Legionella* vão parar a um 7º andar da D. Afonso Henriques. *Público*, pp. 8-9.

- Borja-Santos, R. (2014, 15 de novembro). Enfermeiros garantem que “não havia nenhum fundamento sério para desconvocar greve”. *Público*, p. 10.
- Borja-Santos, R. (2014, 15 de novembro). O “teste de paternidade” que resolveu o enigma do surto de Vila Franca de Xira. *Público*, p. 9.
- Borja-Santos, R. (2014, 18 de novembro). Novos casos de Legionella abrandam e 87 doentes já tiveram alta. *Público*, p. 11.
- Borja-Santos, R. (2014, 22 de novembro). Doentes vão pagar menos pelos medicamentos em 2015. *Público*, p. 17.
- Capucho, J. (2014, 10 de novembro). Surto de Legionella pode estar perto do máximo. *Diário de Notícias*, p. 2
- Capucho, J. (2014, 11 de novembro). Empresas são obrigadas por lei a garantir ausência da bactéria. *Diário de Notícias*, p. 5.
- Capucho, J. (2014, 13 de novembro). Milhares de casos de legionela não entram nas estatísticas. *Diário de Notícias*, p. 13.
- Capucho, J. (2014, 9 de novembro). Técnicos de saúde vão inspecionar empresas no concelho de Vila Franca de Xira. *Diário de Notícias*, p. 10.
- Claramunt, S. (1985, junho). *La Muerte en la edad media – el mundo urbano*. Comunicação apresentada na XII Semana de Estudios Medievales, Barcelona.
- Díaz, H., & Uranga, W. (2011). Comunicación para la salud en clave cultural y comunitaria. *Revista de Comunicación y Salud*, 1(1), 113-124. Retirado de <http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3648922.pdf>
- Ferro, C. & Lima, C. (2014, 10 de novembro). Central de Cervejas faz intervenção em torre de refrigeração e hotel fecha spa. *Diário de Notícias*, p. 5.
- Garcia, R. & Borja-Santos, R. (2014, 15 de novembro). Legionella: análises reforçam suspeitas sobre fábrica de adubos. *Público*, pp. 8-9.
- Garcia, R. (2014, 11 de novembro). Governo eliminou auditorias obrigatórias à qualidade do ar interior. *Público*, p. 4.
- Garcia, R. (2014, 13 de novembro). Polémica sobre lei para a Legionella chega à Assembleia da República. *Público*, pp. 8-9.
- Garcia, R. (2014, 14 de novembro). Ministério Público investiga possível crime no surto de Legionella. *Público*, p. 10.
- Garcia, R. (2014, 16 de novembro). ADP Fertilizantes assegura que faz análises regulares à Legionella. *Público*, p. 19.

- Hallin, D. & Briggs, C. (2014). Transcending the medical/media opposition in research on news coverage of health and medicine. *Media, Culture & Society*, 37(1). 85-100. doi: 10.1177/0163443714549090
- Kreps, G. (1988). The pervasive role of information in health and health care: Implications for health communication policy. *Communication yearbook*, 11, 238-276.
- Kreps, G. & Neuhauser, L. (2003). Rethinking communication in the E-health Era. *Journal of Health Psychology*, 8, 7-23. doi: 10.1177/1359105303008001426
- Lima, C. (2014, 10 de novembro). “Nem por uma gripe ia ao hospital, mas vi que esta não era normal. *Diário de Notícias*, pp. 4-5.
- Lopes, F.; Ruão, T.; Marinho, S.; Araújo, R. (2011). Jornalismo de saúde e fontes de informação, uma análise dos jornais portugueses entre 2008 e 2010. *Derecho a Comunicar*, 2, 100-120. Retirado de <http://132.248.9.34/hevila/Derechoacomunicar/2011/no2/6.pdf>
- Lopes, M. & Borja-Santos, R. (2014, 17 de novembro). Valdemar e Conceição sobreviveram e não querem que a culpa morra solteira. *Público*, p. 12.
- Lopes, M.; Borja-Santos, R. & Ferreira, N. (2014). Na “rua da Legionella” desde o fim-de-semana que só se toma “banho à gato”. *Público*, pp. 2-3.
- Lourenço, P. (2014, 18 de novembro). Vítimas de legionela descrentes na justiça. *Jornal de Notícias*, p. 8
- Lourenço, P. (2014, 8 de novembro). 27 pessoas internadas com legionella. *Jornal de Notícias*, p. 25.
- Macedo, J. (2010). A Morte adiada. In Ladusãns, S. (eds.), *Pessoas transparentes: questões actuais de bioética* (pp. 195-208). Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/17145>
- Maia, A. & Mendes, D. (2014, 12 de novembro). Já há doentes a querer avançar com queixas na Justiça. *Diário de Notícias*, p. 10.
- Maia, A. (2014, 11 de novembro). Fábricas suspendem refrigeração e nas escolas funcionários usam máscaras. *Diário de Notícias*, p. 5.
- Maia, A. (2014, 12 de novembro). Surto é emergência de saúde pública mas Portugal dispensa ajuda da OMS. *Diário de Notícias*, p. 11.
- Maia, A. (2014, 13 de novembro). Culpados por surto podem ter pena de oito anos de prisão ou pagar 5 milhões. *Diário de Notícias*, pp. 12-13.
- Maia, A. (2014, 15 de novembro). Em Vila Franca o dia foi normal. Enfermeiros dizem estar no limite. *Diário de Notícias*, p. 14.

- Maia, A. (2014, 18 de novembro). Das 331 pessoas infetadas com legionela só 87 tiveram alta clínica. *Diário de Notícias*, p. 14.
- Maia, A. (2014, 21 de novembro). DanCake e Solway fora de lista de risco de legionela. *Diário de Notícias*, p. 12.
- Marchetti, D. (2002). Les sous-champs spécialisés du journalisme. *Réseaux*, 111, 22-55. Doi: 10.3917/res.111.0022
- Marcotte, P. & Sauvageau, F. (2006). Les journalistes scientifiques: des éducateurs ? Enquête auprès des membres de l'Association des communicateurs scientifiques du Québec. *Les Cahiers du Journalisme*, 15, 174-195. Retirado de <http://dialnet.unirioja.es/ejemplar/367605>
- Margato, D. (2014, 13 de novembro). Incerteza sobre o fim da bactéria marca população. *Jornal de Notícias*, p. 5.
- Martins, M. (2013). O corpo morto. Mitos, ritos e superstições. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 1, 109-134. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/29225>
- Mendes, D. (2014, 11 de novembro). Legionela deixa hospitais de Lisboa com cuidados intensivos no limite. *Diário de Notícias*, p. 4.
- Mendes, D. (2014, 15 de novembro). Autoridades já estão a fazer inspeções e recolha de amostras em mais empresas. *Diário de Notícias*, p. 14.
- Mendes, D. (2014, 16 de novembro). O “branco mais africano” que nos explica a Saúde. *Diário de Notícias*, p. 10.
- Mendes, D. (2014, 17 de novembro). Legionela fez duplicar urgências em hospitais. *Diário de Notícias*, p. 13.
- Mota, D. (2014, 11 de novembro). Múrcia foi o maior surto do Mundo e a bactéria estava na torre do hospital. *Jornal de Notícias*, p. 6.
- Neto, A. (2013). Chávez, morte e “desamparo informativo” na cena da circulação mediatizada. *Rizoma*, 1, 25-45. Retirado de <http://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/3705/2769>
- Neves, C. & Salvador, S. (2014, 9 de novembro). Falta de informação gerou alarme entre a população. *Diário de Notícias*, p. 11
- Norte, H (2014, 11 de novembro). Saúde 24 recebe 500 chamadas/dia. *Jornal de Notícias*, p. 5.
- Norte, H. & Schreck, I. (2014, 11 de novembro). Legionella já matou cinco pessoas e infetou 235. *Jornal de Notícias*, pp. 4-5.
- Norte, H. (2014, 11 de novembro). Três doentes no S. João sem ligação ao surto de Vila Franca. *Jornal de Notícias*, p. 2.

- Norte, H. (2014, 12 de novembro). Empresa de adubos sob investigação por crime ambiental. *Jornal de Notícias*, p. 2.
- Norte, H. (2014, 13 de novembro). Sete mortos no terceiro maior surto de sempre. *Jornal de Notícias*, p. 4.
- Norte, H. (2014, 14 de novembro). Ministério Público está a investigar surto de legionela. *Jornal de Notícias*, p. 6.
- Oliveira, M. (2005). Olhando a morte dos outros. In *Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação - Livro de Actas – 4º SOPCOM* (pp. 1952-1962). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Pereira, A. & Talixa, J. (2014, 10 de novembro). Surto “anormal” fecha fontes, piscinas e torres de refrigeração. *Público*, pp. 2-3.
- Pereira, C. (2014, 14 de novembro). Câmara de Vila Franca de Xira dá apoio jurídico às famílias. *Jornal de Notícias*, p. 6.
- Pereira, G. (2014, 11 de novembro). Estamos a cozinhar com água engarrafada. *Jornal de Notícias*, p. 6.
- Pereira, G. (2014, 12 de novembro). Acredito que aqui haja muito veneno. *Jornal de Notícias*, pp. 4-5.
- Pintos, V. (2001). Comunicación y Salud. In H. Moreira; C. Paolillo; V. Pintos; A. Solari; S. Szykowski; C. Vallina & J. Berghe (Eds.), *Inmediaciones de la comunicación* (pp. 119-136). Escuela de Comunicación de la Universidad ORT Uruguay
- Ratzan, S. (1994). Editor's Introduction : Communication-The Key to a Healthier Tomorrow. *American Behavioral Scientist*, 38, 202-207. doi: 10.1177/0002764294038002002.
- Sanches, A. (2014, 11 de novembro). Hotéis, hospitais e feiras – a bactéria no mundo. *Público*, p. 4.
- Schreck, I. (2014, 10 de novembro). Surto sem explicação espalha pânico no sul. *Jornal de Notícias*, pp. 2-3.
- Schreck, I. (2014, 11 de novembro). Cloro na água pode não chegar para matar bactérias. *Jornal de Notícias*, p. 5.
- Schreck, I. (2014, 12 de novembro). Bactéria de Vila Franca de Xira chega a Angola e Peru. *Jornal de Notícias*, p. 4.
- Schreck, I. (2014, 9 de novembro). Surto de legionella infeta 90 e podem surgir mais casos. *Jornal de Notícias*, p. 4.
- Talixa, J. (2014, 19 de novembro). Primeiro dia sem novos casos de Legionella no Hospital de Vila Franca de Xira. *Público*, p. 10.

- Talixa, J. (2014, 8 de novembro). Hospital de Vila Franca de Xira confirmou 27 casos de legionella. *Público*, p. 11.
- Talixa, J. (2014, 9 de novembro). Um morto e 89 casos diagnosticados em surto de Legionella. *Público*, p. 22.
- Tavares, F. (2009). O jornalismo especializado e a especialização periodística. *Estudos em Comunicação*, 5, 115-133. Retirado de <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/o6-tavares-acontecimento.pdf>
- Tavares, P. (2014, 22 de novembro). Ali ao lado há pessoas para quem o surto não passou. *Diário de Notícias*, p. 18.
- Thomas, R. (2006). *Health Communication*. EUA: Springer Science + Business Media, Inc.
- Tomás, C. (2014, 22 de novembro). Dez mortos, um suspeito confirmado e dúvidas ainda no ar. *Expresso*, pp. 18-19.
- Tomás, C.; Marques, R. & Arreigoso, V. (2014, 15 de novembro). Sete dias de guerra contra uma bactéria. *Expresso*, pp. 22-23.
- Varela, C. (2014, 9 de novembro). Há quem já só se lave com água engarrafada. *Jornal de Notícias*, p. 5.
- Varela, C. (2014, 9 de novembro). Primeiros casos foram à Urgência na semana passada. *Jornal de Notícias*, p. 5.
- Vilaça, R. (2013). *A representação da dor na imprensa nacional: análise da relação entre os media e as fontes de informação durante a experiência de estágio no Jornal de Notícias*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/29134>
- Watson, L. (2014, 15 de novembro). Autoridades sabem mas não dizem de onde veio a legionela. *Jornal de Notícias*, p. 6.
- Watson, L. (2014, 15 de novembro). Sete mortos e 316 infetados até ontem. *Jornal de Notícias*, p. 6.

## Citação:

Gomes, S. & Lopes, F. (2016). Doença do legionário: da mediatização da doença à contagem das mortes. In M. L. Martins; M. L. Correia; P. Bernardo Vaz & Elton Antunes (Eds.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar* (pp. 145-168). Braga: CECS.